

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI

CHIRLES MARIA MACEDO DO NASCIMENTO

**UMA ANÁLISE DAS PROTAGONISTAS DAS OBRAS *PRIDE AND PREJUDICE*, *AUSTENLAND* E *THE SECRET DIARY OF LIZZIE BENNET* PARTINDO DO CONCEITO DE RELEITURA**

TERESINA  
2018

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ --UESPI**

**CHIRLES MARIA MACEDO DO NASCIMENTO**

**UMA ANÁLISE DAS PROTAGONISTAS DAS OBRAS *PRIDE AND PREJUDICE*, *AUSTENLAND* E *THE SECRET DIARY OF LIZZIE BENNET* PARTINDO DO CONCEITO DE RELEITURA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à disciplina TCC como requisito parcial para obtenção da aprovação no semestre letivo do corrente ano do Curso de Licenciatura Plena em Letras Inglês, da Universidade Estadual do Piauí - UESPI, ministrada pela Profa. Márlia Riedel.

Orientadora: Profa. Ms. Sharmilla O'hana Rodrigues da Silva

**TERESINA  
2018**



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS INGLÊS



CHIRLES MARIA MACEDO DO NASCIMENTO

UMA ANÁLISE DAS PROTAGONISTAS DAS OBRAS *PRIDE AND PREJUDICE*,  
*AUSTENLAND* E *THE SECRET DIARY OF LIZZIE BENNET* PARTINDO DO  
CONCEITO DE RELEITURA

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC –  
apresentado à Banca Examinadora do Centro de  
Ciências Humanas e Letras da Universidade  
Estadual do Piauí – UESPI como exigência parcial  
para a obtenção do grau de Licenciado em Letras  
Inglês, sob a orientação da Profa. Ms. Sharmilla  
O'hana Rodrigues da Silva..

TCC APROVADO EM 22 DE NOVEMBRO DE 2018

BANCA EXAMINADORA

*Sharmilla O'hana Rodrigues da Silva*

1º Examinador: PROFA. MS. SHARMILLA O'HANA RODRIGUES DA SILVA  
(Orientadora)

*Denise Layana Pinheiro Nascimento*

2º Avaliador: PROFA. MS. DENISE LAYANA PINHEIRO NASCIMENTO  
(Membro)


*Cláudia Verbena de Oliveira*

3º Avaliador: PROFA. ESP. CLÁUDIA VERBENA DE OLIVEIRA  
(Membro)

## **AGRADECIMENTOS**

- A minha gratidão eterna a Deus pela vida e por toda a fortaleza que ele mostrou existir dentro de mim;
- Ao meu amado marido, Nilton César, por todo seu companheirismo, paciência e amor, que me tem dedicado todos esses anos;
- Aos meus pais, José e Neusa, e meus irmãos, Charles e Celene, pelo apoio, força e amor incondicional que sempre nutriram por mim;
- À minha orientadora, Sharmilla O'hana, por sua paciência, amizade, profissionalismo e doação na conduta e realização desta pesquisa;
- À minha supervisora, Márlia Riedel, pela pessoa humana e conduta profissional;
- A todos os professores e amigos que me acompanharam nessa trajetória, aos que sorriram comigo nas alegrias, choraram nas minhas tristezas, oraram diante dos meus problemas, dividiram comigo experiências em sala de aula ou fora dela.

A todos vocês e a cada um o meu muito Obrigada.

 mundo é assim, aberto a interpretações. Um único objeto pode ter interpretações distintas em diferentes lugares do globo, uma palavra pode ter diferentes significados. O que para você é uma nuvem, para mim é um peixe flutuante. (Tainá Cruz)

## RESUMO

Essa pesquisa é uma análise comparativa de duas releituras do romance *Pride and Prejudice* (1813). O objetivo dessa pesquisa foi analisar as protagonistas dos romances *Pride and Prejudice* (1813), de Jane Austen, *Austenland* (2007), de Shannon Hale, e *The Secret Diary of Lizzie Bennet* (2014), de Bernie Su e Kate Rorick, de acordo com o conceito de releitura, a fim de constatar se as releituras selecionadas conservam a essência do texto que lhes deu origem. Os autores, que construíram o embasamento teórico deste trabalho foram: Barros (2013); Bloom (2001); Carvalho (2006); Chieregatti (2014); Dias (2015); Formiga (2009); Musmanno (2015). Perissé (2003); Silva(2015). A modalidade de pesquisa utilizada neste trabalho foi bibliográfica, assim, como também, pesquisa analítico-comparativa por se tratar esta, de uma análise em que as obras serão comparadas e analisadas entre si. E como método de abordagem da pesquisa, foi utilizado o modelo qualitativo. Após as análises dos dados, não foi confirmada a hipótese de que mesmo em um novo contexto histórico e cultural, Jane e Lizzie se mostram fiéis à essência do comportamento assumido por Elizabeth Bennet.

**Palavras-chave:** Releitura; Jane Austen; *Pride and Prejudice*.

## ABSTRACT

This research is a comparative analysis of two re-readings of the novel *Pride and Prejudice* (1813), Jane Austen. This research's goal was : to analyze the protagonists of the novels *Pride and Prejudice* (1813), by Jane Austen, *Austenland* (2007), by Shannon Hale and *The Secret Diary of Lizzie Bennet* (2014), by Bernie Su and Kate Rorick, according the concept of re-reading, In order to verify if the selected re-readings retain the essence of the text that originated them. The authors, who built the theoretical basis of this work, were: Barros (2013); Bloom (2001); Carvalho (2006); Chieregatti (2014); Dias (2015); Formiga (2009); Musmanno (2015). Perissé (2003); Silva(2015). The research modality used in this work was Bibliographic, as well as, Analytical-comparative research because it is an analysis, in which the works will be compared and analyzed among themselves. And as a method of approach to the research, the qualitative model was used. After the data analyses, we did not confirm the hypothesis that even in a new historical and cultural context, Jane and Lizzie are faithful to the essence of the behavior assumed by Elizabeth Bennet.

**Keywords:** Analyze; Re-reading; Adaptation.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Definindo Elizabeth, Jane e Lizzie .....	30
Quadro 2	Autoconfiança e o humor.....	31
Quadro 3	O contexto social em que as protagonistas estão inseridas.....	33
Quadro 4	O temperamento das protagonistas diante de afrontas.....	37



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2 RELEITURA, O TEXTO SOB UMA NOVA ÓTICA.....</b>	<b>14</b>
2.1 Adaptação.....	14
2.2 Releitura Literária.....	15
2.3 Releitura, um assunto controverso.....	19
2.4 <i>Pride and Prejudice</i> (1813), de Jane Austen .....	20
2.4.1 Elizabeth Bennet, de <i>Pride and Prejudice</i> (1813).....	22
2.5 <i>Austenland</i> (2007), de Shannon Hale.....	23
2.5.1 Jane Hayes, de <i>Austenland</i> (2007) .....	24
2.6 <i>The Secret Diary of Lizzie Bennet</i> (2014), de Bernie Su e Kate Rorick.....	25
2.6.1 Lizzie Bennet, de <i>The Secret Diary of Lizzie Bennet</i> (2014) .....	25
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>27</b>
3.1 Tipo de Pesquisa.....	27
3.2 Universo da Pesquisa.....	27
3.3 Amostra .....	28
3.4 Técnica de Coleta de Dados.....	28
<b>4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DO CORPUS.....</b>	<b>29</b>
4.1 Definindo Elizabeth, Jane e Lizzie.....	29
4.2 A autoconfiança e o humor.....	31
4.3 O contexto social que as protagonistas estão inseridas.....	33
4.4 O temperamento das protagonistas diante de afrontas.....	37
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>41</b>
<b>6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>43</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>46</b>

## 1 INTRODUÇÃO

É possível serem encontrados, em bibliotecas e livrarias, alguns livros que, baseados em obras de grandes escritores, trazem em sua trama detalhes não presentes nos originais. Essa variação na forma de rerepresentar a mesma história por diferentes autores acontece, dentre outros possíveis motivos, devido à "abertura" existente na literatura feita por meio das modalidades de escrita. Uma dessas modalidades é a releitura, assunto tratado aqui tendo como inspiração para o decorrimto desta pesquisa um dos conhecidos romances da escritora Jane Austen.

Foi proposto, neste estudo, sob a ótica da releitura textual, a análise das três protagonistas Elizabeth Bennet, Jane Hayes e Lizzie Bennet, sendo Elizabeth Bennet do famoso romance *Pride and Prejudice* (1813), de autoria da escritora inglesa Jane Austen; Jane Hayes personagem da obra *Austenland* (2007), da escritora estadunidense Shannon Hale, e Lizzie Bennet do livro *The Secret Diary of Lizzie Bennet* (2014), escrito por Bernie Su e Kate Rorick, também dos Estados unidos.

Para tanto, foi considerado, dentre as obras acima citadas, o romance *Pride and Prejudice* (1813) como a base da análise. Nele foram avaliados: o contexto social no qual Elizabeth Bennet - uma moça dentre cinco filhas de uma família simples, aparentemente ingênua - está inserida, bem como seu comportamento em relação ao meio familiar, aos amigos e, também, a postura assumida pela personagem diante de situações a ela apresentadas.

A análise tomou como referência o contraste existente entre Elizabeth e as também protagonistas Jane Hayes e Lizzie Bennet das já citadas obras, sendo que as duas últimas são recriações de seus respectivos autores e tiveram como modelo a identidade da personagem principal do romance de Austen.

O processo de adaptação que aqui foi abordado, o qual considerou como modalidade de escrita a releitura, buscou expor, além da análise comparativa das três protagonistas, as características e a importância do que vem a ser considerado, de fato, uma releitura.

Em se tratando da justificativa, o que impulsionou a realização dessa pesquisa foi - depois de conhecer algumas adaptações e observar quão intrigantes

podem ser- a vontade de expor sobre o assunto, considerando as possibilidades referentes à releitura e o que está envolto em seu processo de realização. Um segundo motivo, deve-se ao fato de a releitura literária se mostrar valiosa ao passo que se faz acessível, quando comparada a grandes obras. É portanto imprescindível a conscientização acerca de sua importância, tendo em vista que ela pode ser utilizada para desenvolver ou aprimorar o interesse pela leitura; ou, ainda, despertar a curiosidade por um estilo novo de escrita, seja pelo estudo da obra que dará origem à releitura ou a sua criação direcionada a um público específico.

Ainda sobre esta pesquisa, é necessário dizer que ela foi devidamente fundamentada e teve como suporte teórico trabalhos de autores como Barros (2013); Bloom (2001); Carvalho (2006); Chieregatti (2014); Dias (2015); Formiga (2009); Musmanno (2015); Perissé (2003); Silva (2015); entre outros, que fortaleceram as ideias aqui apresentadas de maneira a possibilitar total clareza e dar maior credibilidade ao leitor acerca do conceito e composição no que tange à forma de manifestação e elaboração dessa modalidade de escrita.

Assim, deu-se prosseguimento a esta análise que teve como pergunta norteadora: Até que ponto as obras *Austenland* (2007), de Shannon Hale, e *The Secret Diary of Lizzie Bennet* (2014), de Bernie Su e Kate Rorick, consideradas adaptações em relação à obra *Pride and Prejudice* (1813), conservam a essência do texto de Jane Austen, tomando por base o conceito de releitura em uma análise das protagonistas Jane Hayes, Lizzie Bennet e Elizabeth Bennet?

E para responder o questionamento formulado no parágrafo acima, levantou-se as seguintes hipóteses: a releitura permite que mudanças sejam feitas, levando-se em conta as exigências do autor que a constrói; em seu romance, Austen apresenta uma heroína destemida; e, mesmo em um novo contexto histórico e cultural, Jane e Lizzie se mostram fiéis à essência do comportamento assumido por Elizabeth Bennet.

Tendo em vista, ainda, as direções deste trabalho, essa pesquisa teve como objetivo geral: analisar as protagonistas dos romances *Pride and Prejudice* (1813), de Jane Austen, *Austenland* (2007), de Shannon Hale, e *The Secret Diary of Lizzie Bennet* (2014), de Bernie Su e Kate Rorick, a partir do conceito de releitura. E com a finalidade de atingir o objetivo citado acima, os seguintes objetivos específicos foram elencados: Caracterizar o processo de adaptação/ releitura; descrever a

personagem Elizabeth Bennet, criada por Austen, e o contexto em que a sua estória foi escrita e publicada; e comparar o comportamento das protagonistas Elizabeth, Jane e Lizzie.

Esta análise, que tem um caráter bibliográfico, sendo também uma pesquisa analítico-comparativa e apresentando, ainda, uma abordagem do tipo qualitativa, foi estruturada em cinco seções. A primeira delas é referente à introdução, na qual apresenta-se brevemente a releitura e a proposta contida neste trabalho. Na segunda seção, nos três primeiros tópicos, discorre-se mais aprofundadamente sobre adaptação e releitura, apresentando esta como uma categoria daquela e expondo um breve histórico, conceitos, características, importâncias e processos sobre elas. E, nos seis tópicos seguintes a estes, foram apresentadas as obras escolhidas para esta análise, bem como suas respectivas protagonistas. Já na terceira seção, explica-se a pesquisa bibliográfica, analítica-comparativa, como categoria de pesquisa utilizada neste trabalho. Na quarta seção, trata-se da análise dos doze extratos dos livros selecionados e já previamente citados. Por fim, na quinta seção, apresenta-se o resultado e as considerações finais desta análise.

## **2 RELEITURA, O TEXTO SOB UMA NOVA ÓTICA**

### **2.1 Adaptação**

Adaptar é, de acordo com Ferreira (2000, p. 15), 1. Tornar apto, 2. Adequar, 3. Modificar o texto de (obra literária), adequando-o ao seu público (4), ou transformando-o em peça teatral, script etc. Tomando por base esse conceito geral sobre adaptação, pode-se dizer que adaptação literária é a adequação de um texto escrito e previamente selecionado para uma nova apresentação, um novo formato, também escrito, que oferece proposta renovada ou acentua uma já existente.

Não é de agora que a adaptação existe. Os primeiros traços dela na história deram-se por meio das versões e traduções, que ocorreram desde o século II depois de Cristo, com a necessidade de divulgar a Bíblia e as línguas estrangeiras. No entanto, as adaptações se tornam mais evidentes somente no século XVIII, com os textos clássicos voltados a um público diferente. Daí é possível dizer que as adaptações literárias foram realizadas, dentre outros motivos, pela necessidade de divulgação de textos às pessoas que não tinham acesso direto aos originais.

O conhecimento escrito de algumas obras canônicas, para pessoas de determinadas classes, de autores como Miguel de Cervantes e William Shakespeare, tornou-se possível pela ampliação de textos adaptados. Foi este também um dos motivos para tais criações. Com o passar dos anos, foram somados a esta, outras razões, por exemplo, a questão da nacionalização de obras, como afirma Carvalho (2006, p. 149): “[...] no Brasil oitocentista, o leitor em formação não conseguia interagir com a linguagem portuguesa presente nos textos, sendo necessário nacionalizá-la”.

A importância da adaptação no acesso à leitura é enorme, não se pode negar tal realidade. Muitos textos canônicos se fizeram acessíveis na atualidade, não pela obra originalmente impressa, mas por meio da adaptação de livros mais acessíveis na linguagem atualizada e no preço. Sendo assim, por ser uma reprodução do original, a adaptação traz algumas vantagens, dentre estas o de apresentar obras, até então inacessíveis a determinados públicos, bem como tornar contemporâneo escritores e seus trabalhos.

## 2.2 Releitura Literária

A releitura é uma nova leitura, mais atenciosa, detalhada. É uma das modalidades existentes de adaptação que, diferentemente de outras \_como por exemplo, a fílmica, musical ou a teatral\_ tem como ponto de partida histórias já escritas, que resultarão em novos textos literários, sem, no entanto, se desvincular da essência contida no texto-base:

[...] a partir do ato de ler surge o desejo de escrever, de realizar uma releitura da obra lida, o que não significa fazer cópia, plágio ou repetir passivamente o modelo, mas sim criar uma nova obra, realizada a partir de outra feita anteriormente. O leitor acrescenta um novo olhar, um toque pessoal, uma outra ou nova interpretação. (BARTHES, 1992, p. 73 apud SILVA, 2015, p.101).

Essa forma de adaptação pode ser utilizada também como meio de revelar assuntos não esclarecidos ou mencionados anteriormente em uma dada obra. Para tanto, faz-se importante que o adaptador entenda a obra já escrita e devidamente escolhida por ele, conheça o público ao qual foi destinada \_por meio da trajetória do texto escolhido:

Para se entender a(s) história(s) de leitura de qualquer obra literária é necessário, por exemplo, traçar a sua trajetória através da descrição das edições em que a história tem sido apresentada, ou seja, em que momentos e modos a obra faz parte do horizonte de expectativas de determinado público leitor. (CARVALHO, 2006, p 132).

Tendo o conhecimento da história que envolve a obra original e seu público, o adaptador terá uma visão mais clara do objeto de estudo. Assim, poderá conduzir melhor seus propósitos e executar mudanças de acordo com o que almeja.

O processo de criação da releitura é complexo, exige do adaptador atenção e criatividade para o primor do novo trabalho, sendo que este é feito com base em um já existente. A disposição do autor em avaliar-se na criação do texto, nesse primeiro momento, deve existir e é essencial, confirmando a seguinte ideia: “O escritor é o primeiro leitor de seus textos. Não deve ser o único, mas ele é quem vê o nascimento, é ele quem aprecia os primeiros passos do texto, é ele quem pode avaliar a sua força e beleza” (PERISSÉ, 2003, p.3).

Portanto, já nesse processo inicial de criação, o escritor deverá ser um observador, criterioso e criativo, no desenvolver da sua obra. E ele poderá, como

ajuda, conduzir os propósitos de seu trabalho com algumas ferramentas essenciais ao texto.

As ferramentas são os elementos usados na conduta do leitor diante do trabalho apresentado. Elas vão desde o uso dos paratextos \_apresentação dos títulos e subtítulos do livro, introdução, notas de rodapé, imagens, sumário, ilustrações da folha de rosto\_ aos chamados elementos textuais, como a voz do narrador e o desenvolvimento de enredo. E serão decisivos entre um resultado positivo ou não, diante da decisão de compra pelo público e entendimento da obra durante a leitura.

Com o uso adequado dessas ferramentas, as releituras poderão ser disseminadas ao público, apresentadas, por exemplo, através de livros, um dos meios de divulgação de cultura mais utilizados, segundo afirma Chartier (2004, *apud* FORMIGA 2009, p.38): “Dentre as formas de difusão da cultura, o livro é a que mais se destaca. Suscetível de uma multiplicidade de usos, suas modalidades de ler são múltiplas, diferentes conforme as épocas, os lugares, os ambientes”.

Com isso, deve-se considerar a criação de atrativos nos livros com a finalidade de chamar a atenção do público-alvo, criar de alguma maneira uma ligação com o leitor:

Com frequência nos contentamos em, por economia ou preguiça, ler superficialmente, “passar os olhos”, como se diz. Não acrescentamos ao ato de ler algo mais de nós além do gesto mecânico de decifrar os sinais. Sobretudo se esses sinais não se ligam de imediato a uma experiência, uma fantasia, uma necessidade nossa.(MARTINS, 1989, p. 9).

Assim, no primeiro contato do público com uma releitura, este deve sentir-se de alguma forma conquistado, isso o impulsionará à leitura e ao gosto pela obra apresentada. Por conta disso, todo o trabalho de releitura deve ser minuciosamente planejado desde o primeiro momento e deve oferecer de imediato alguma informação que desperte esse primeiro interesse no leitor.

A releitura é uma forma de adaptação que não deve ser confundida com cópia, ela é um método de escrita, que envolve observação, estudo árduo, interpretação, recriação, bem como \_no decorrer do trabalho\_ ,criatividade do autor, que vai desde a parte visual às particularidades mais complexas que podem surgir, e dentre as várias possibilidades, por exemplo, a de adequar a linguagem ao público direcionado.

Em análise da obra *O guarani* (1857), de José de Alencar, por exemplo, é possível constatar o quão positivo pode ser a adaptação da linguagem de uma obra a um determinado público, como se pode observar no recorte a seguir:

[...] em algumas passagens, o “leitor às vezes perde o fôlego (e a paciência...) com a opulência vocabular do narrador”. A partir dessas informações, em que pese o reconhecimento do valor cultural dessa e de muitas outras obras de teor semelhante para os brasileiros, não podemos rechaçar certos leitores que abdicam de textos cuja linguagem lhes é pouco familiar a ouvidos acostumados a um vocabulário mais contemporâneo. Considerando a distância das convenções linguístico-estéticas, uma vez que muitas palavras e expressões já estão hoje em desuso, como uma das dificuldades de acesso às obras literárias, uma opção é oferecer uma releitura ou adaptação, de maneira a prepará-los quando mais jovens para, mais tarde, apreciá-las, dando-lhes o seu devido valor. (LAJOLO, 2004, apud FORMIGA, 2009, p. 236).

Percebe-se que alguns textos podem ser reduzidos de magníficos a experiências enfadonhas e frustrantes, gerando assim o desinteresse. No entanto, considerando-se o público-alvo, a partir de estudos prévios do autor, a releitura pode mostrar uma solução prática e inteligente para obtenção de um momento agradável com textos leves, o que pode vir a aguçar o gosto pelo ato de ler e a apreciação por belas e importantes obras literárias.

Portanto, o conhecimento por parte do autor sobre o público para quem ele escreve e a consciência das concorrências pelas atenções deste é deveras importante.

Quando nos perguntávamos quem é o nosso leitor, deveríamos ter pensado também que o leitor, é aquela pessoa que precisamos conquistar em 30 segundos. Muitas instâncias solicitam a atenção de todos. Há textos, imagens e sons exigindo a nossa atenção simultaneamente e o tempo inteiro. Os jornais, as revistas, a TV (com seus multicanais, com suas propagandas sedutoras etc.), as rádios, a Internet, o telefone e o celular, uma verdadeira torrente de informações, dados e apelos inundando nossa mente. (PERISSÉ, 2003, p. 29).

A apresentação visual da releitura será a primeira ferramenta do autor para prender a atenção do leitor, seguido do discorrimento do texto na apresentação escrita da estória, com todo o enredo e personagens que a envolve, situação em que o “escrever bem” será de fundamental importância. Isso dependerá de como um dado escritor se relaciona com aquilo que escreve, no sentido de seleção e desprendimento. Acerca da autocrítica no ato de escrever bem o trecho a seguir afirma que:



A autocrítica é produtiva quando mantemos diante dos nossos olhos, dentro da cabeça e no fundo do coração um plano de construção existencial e artística. Quem tem criança pequena em casa percebe seus esforços para engatinhar, andar, correr, falar melhor, encorajar-se, crescer.

A autocrítica nos dá impulso para jogar fora o que não condiz com o que queremos ser, abrindo espaço para vermos e sermos o que devemos ser.

Gabriel Garcia Marques diz que podemos conhecer um bom escritor não tanto pelo que publica, mas pelo que joga no lixo: “se o escritor se desfaz do que esta escrevendo, esta no bom caminho: o escritor tem de estar convencido de que é melhor que Cervantes; senão acaba sendo pior do que na verdade é. É preciso só apontar para o auto e tentar chegar longe”.

O bom escritor é mais crítico com relação aos seus textos do que seus mais ferrenhos críticos conseguem ser. A propósito é esta autocrítica que faz dele um bom escritor. (PERISSÉ, 2003, p.43)

Diante da leitura de um texto original ou de sua releitura, críticas existirão por parte do público. É imprescindível que o escritor avalie seu trabalho e, condizente com tal avaliação, desprenda-se de trechos e fatos escritos durante sua realização, se os julgar irrelevantes ou desnecessários. A autocrítica deve ser, para o escritor, mais severa que a própria crítica advinda de outrem, pois será ela a responsável pelo bom resultado de seu trabalho.

É válido lembrar que \_em se falando de autocrítica\_ nas composições de textos, autores se doam muito além de suas percepções. Palavras e ideias postas em uma obra escrita expõem não só o texto escrito mas também um pouco do que é o autor. Elas podem revelar sua identidade cultural, seu estado emocional, mostrar sua personalidade, expor do autor mais que conscientemente ele possa ter permitido, o que deve, portanto, exigir uma avaliação ainda mais cuidadosa do escritor. Por outro lado, o ato de “mostrar-se um pouco” faz-se favorável quando se fala na presença da “alegria” de escrever, de ser intenso no que se faz, o que causa efeitos vantajosos para a leitura:

Escrever com criatividade, sem esquecer que a criatividade está relacionada com o bom humor, com o gosto musical, com nossa capacidade de interpretar os próprios sonhos, de observarmos os detalhes do que acontece ao nosso redor, de olharmos com empatia para o rosto diferente da pessoa que não fala a nossa língua, que não reza segundo o nosso credo e que não pensa conforme o nosso manual de instruções. (PERISSÉ, 2003, p.109).

Além disso, para as adaptações se tornarem uma experiência muito mais agradável a seu público, através das releituras \_e não se fazem exclusivos os textos originais\_ é imprescindível que haja nelas convicção no que se diz no discorrer do tema abordado, pois ela é indispensável a um bom texto, e facilmente percebida, além de muito apreciada. Um texto que apresente veracidade em seus assuntos,

seja de qual natureza for, torna a leitura mais interessante a seus leitores, o que engrandece também o escritor.

### 2.3 Releitura, um assunto controverso

A releitura ainda gera divergências entre os críticos sobre realmente ser ou não um texto novo. Isso ocorre, dentre outras possíveis causas, por conta de interpretações que têm seu ponto de partida pautado no conceito de plágio.

Plágio é a ação de apossar-se, como autor, de um determinado conteúdo, copiando-o ou imitando-o, tendo sido este criado por outrem. Isso se diferencia de releitura, pois, embora a releitura tenha em si referências a outro texto, há todo um primor na construção da nova obra. Ainda assim há discordâncias na aceitação da releitura literária como sendo de nova autoria, por ter como ponto de partida textos já existentes, confundindo-se neste ponto com plágio.

Em meio a atitudes de desconfiança e, às vezes, de preconceito com relação a essa forma de adaptação, há ainda algumas situações em que o adaptador não segue de forma clara as limitações conceituais que condizem com releitura, gerando, dessa forma, um conflito no reconhecimento do tipo de texto apresentado por ele. Tal atitude tem gerado mais críticas e discussões acerca do assunto.

A escritora Patrícia Engel Secco foi alvo de críticos pela simplificação de obras de Machado de Assis e José de Alencar. Duramente acusada por tornar simples dois clássicos da literatura, com o propósito de facilitar sua leitura para o público infanto-juvenil, os críticos também questionavam a forma utilizada por Secco na redação dos textos apresentados. Segundo Kusumoto, colunista da revista online *Veja* Abril de 2014:

[...] o modelo de adaptação que Patrícia e sua equipe, formada por profissionais do mercado editorial, utilizaram nas duas obras é diferente do que se costuma ver, por exemplo, em séries de obras clássicas destinadas ao público infantojuvenil. As estruturas e as histórias de *O Alienista* e *A Pata da Gazela* foram mantidas e só existe a substituição de palavras e expressões das obras, ao passo que em adaptações comuns ao mercado editorial é feita uma reformulação completa da forma como o texto é apresentado, é uma recriação do texto clássico no contexto contemporâneo. (KUSUMOTO, *Veja*. Abril.com. br , 2014.).

Percebe-se na citação acima que houve adequação da linguagem pela escritora Patrícia Engel Secco, o que mostra estar presente uma das características

da adaptação em seu texto, que, ainda assim, foi criticado por seu estilo na apresentação.

Embora já existam delimitações que caracterizam a releitura, diferenciando-a em muitos aspectos de cópia, ela será ainda alvo de discussões por muitos leitores, sendo necessário maior divulgação e esclarecimentos acerca de suas definições e da aceitação por parte dos críticos, que ainda resistem a essa modalidade de escrita.

O que não se pode negar é que, havendo ou não consenso nas opiniões sobre releitura por parte de críticos e leitores de modo geral, a adaptação literária tem muito a contribuir como ferramenta de construção do novo leitor, sendo um benefício incontestável no sentido de preparar jovens ao universo da leitura e a apreciação futura de grandes escritores, dentre outras inúmeras vantagens:

Para Verano, as adaptações são uma forma de apresentar o autor e sua história ao público jovem, sem que elas substituam a obra original. “Quando as crianças se tornarem mais velhas, elas já terão subsídios para entrar nas obras completas, pois já terão lido as adaptações. É uma porta de acesso para o texto na íntegra”, afirma. (KUSUMOTO, Veja. Abril.com. br , 2014)

Um texto simplificado por meio da modalidade releitura não desqualifica nem interfere no valor da obra original, muito menos do autor que o construiu; ele engrandece a obra, divulga o artista e estimula o leitor à descoberta e à apreciação de obras literárias futuras. É necessário, no entanto, a aceitação dessa modalidade como forma de divulgação da literatura, sem receios e na certeza de que os benefícios são inúmeros para os escritores, leitores e para a própria obra que lhe serviu de base.

## **2.4 *Pride and Prejudice* (1813), de Jane Austen**

*Pride and Prejudice* (1813), da autora e escritora inglesa Jane Austen (1775-1817), é uma obra famosa, um texto clássico com mais de 200 anos, do qual, ainda hoje, se fazem adaptações. Dentre as releituras literárias feitas com base no referido romance, podem ser citadas: *Austenland* (2007), de Shannon Hale, e *The Secret Diary of Lizzie Bennet* (2014), escrito por Bernie Su e Kate Rorick.

*Pride and Prejudice*, a obra base dessa análise, foi o segundo romance escrito por Jane Austen, intitulado a princípio como *First Impressions* (*Primeiras Impressões*). De acordo com Agostinho (2006, p.12), “o romance *Pride and*

*Prejudice* foi escrito por Jane Austen no final do século XVIII, porém, só foi publicado depois de uma revisão da própria autora, no ano de 1813, ou seja, já na primeira década do século XIX”.

Jane Austen escreve *Pride and Prejudice* (1813) poucos anos após a morte de seu pai e já depois de seus trinta anos de idade. Contudo, devido à sociedade patriarcal da época, nem mesmo seu nome continha no livro impresso: “A descendente dos Austen não foi reconhecida como autora inicialmente. Só os familiares e amigos mais próximos sabiam a identidade dos romances” (BRIÃO, 2011, apud BARROS, 2013, p.30).

Mesmo sem o nome impresso na obra, Austen fez uso de sua arte dando vida a personagens que tratam de questões como: desigualdade social, submissão, casamento por interesse financeiro como forma de criticar a realidade dos séculos XVIII e XIX. Em *Pride and Prejudice* (1813), a escritora toma como tema central o casamento e, com base nisso, ela aborda uma variedade de situações relacionadas ao assunto:

Não é difícil perceber que *Pride and Prejudice* investiga o casamento como um verdadeiro laboratório de relações humanas – e essa não é uma escolha leviana da autora: de fato vimos como o casamento era central em sua sociedade. Questões de classe e mobilidade social estão estreitamente vinculadas à união de famílias e heranças por meio do matrimônio. A terra, essencial para a conquista de *status* e direitos políticos, era usualmente obtida por meio dessa instituição – e a importância de tal conquista faz com que a educação dos jovens (tanto homens quanto mulheres) e a organização da sociedade como um todo estejam naturalmente focadas nesse objetivo. (DIAS, 2015, p.149).

Jane Austen consegue, por meio da escrita, mostrar situações da época, mantidas nos dias de hoje, e possibilita ao leitor, dessa forma, analisar e formular conceitos sobre diversos assuntos expostos em seus livros.

Com uma linguagem diferenciada e tom irônico posto em algumas de suas personagens, ela usa com maestria sua criatividade e consegue ser comparada a William Shakespeare:

Em sua ironia, Austen não é, precisamente, shakespeariana; a ironia de Hamlet é mais agressiva do que defensiva. Mas, exceto Shakespeare, autor algum em língua inglesa excede como Austen na criação de figuras, centrais e periféricas, sempre coesas em termos de padrão de fala e consciência, e tão intensamente diferentes entre si [...] As fortes personalidades das heroínas de Austen são elaboradas com sutil individualidade, o que comprova a grande força criativa da autora. (BLOOM, 2001, p.152).

Austen é, sem dúvida, uma escritora de renome que é até hoje contemplada através de suas obras.

Dotada da consciência social do que era o patriarcalismo e, embora discordando de comportamentos da época em que viveu \_como a submissão feminina\_, sua genialidade não se manifestava em uma bandeira de ódio contra esse sistema, como afirma Bloom (2001, p.153): “Não existe ódio a homens em Jane Austen, George Eliot ou Emily Dickinson. Elizabeth Bennet e Emma Woodhouse não estão preocupadas em preservar ou destruir o patriarcado” Austen não ensina a odiar, mas a lutar com inteligência, e a voz feminina é percebida em sua obra *Pride and Prejudice* (1813), na pessoa de Elizabeth Bennet, que se impõe e se afirma como mulher forte e determinada, conquistando um lugar de igualdade e de direito que é das mulheres.

#### **2.4.1 Elizabeth Bennet, de *Pride and Prejudice* (1813)**

Elizabeth Bennet é protagonista de *Pride and Prejudice* (1813), uma moça meiga, de família simples, que vive no século XIX. Ela é a segunda irmã mais velha de cinco filhas solteiras dos Bennet, vivendo em uma sociedade cheia de costumes patriarcais. Sua mãe vive em um verdadeiro desespero na luta para que as filhas conquistem um marido rico que garanta o futuro delas, um esforço que vai contra os ideais de Elizabeth, que não concorda com as submissões patriarcalistas da época nem com um casamento por interesses financeiros: “Austen cria Elizabeth Bennet como uma reflexão da atividade feminina em resposta às ideologias do poder patriarcal. Uma vez que Elizabeth tem convicção de sua opinião, ela se mantém firme nos diálogos” (PACHECO; SOUZA, 2011, p. 2).

A personagem Elizabeth dá voz ao universo feminino quando se impõe às regras ditadas pela sociedade do século XIX, em que estava inserida a família Bennet do romance de Austen. Na sociedade da época, mulheres eram vistas como inferiores, incapazes de pensar e agir por si próprias. Outro comportamento imposto a elas pela sociedade e até mesmo pelos próprios familiares era o de casarem-se para “garantirem o futuro”. As vidas delas eram decididas por terceiros e elas deviam apenas aceitar:

[...] as mulheres nasciam com o destino traçado, as jovens eram educadas para corresponder aos respectivos papéis de esposas zelosas, boas donas de casa e mães dedicadas em tempo integral. Todas as normas estipuladas

e condutas exigidas tinham como único propósito prepará-las para corresponderem às expectativas masculinas em um possível casamento. E tristemente elas assistiam ao destino delas ser traçado sem que elas pudessem participar desta escolha. (ROCHA, 2009, p.18. apud BARROS, 2013, p.56).

Elizabeth mostra-se decidida, dona de si e confiante de suas capacidades. Ela defende seu espaço com atitude, fato esse que choca a sociedade, pois seu comportamento não condiz com o esperado das moças de boa família:

Elizabeth possui também outra característica marcante herdada da sua criadora, que é a sua forma de fazer graça de modo inteligente, ou seja, vivaz, alegre, isto é demonstrado em várias passagens do enredo do romance. (BARROS, 2013, p.82).

A personagem revela-se cativante, usa de educação e sutileza nas ironias ditas, mesmo diante de algo com que não concorde. E, em meio a seus posicionamentos expostos sob riso discreto, ela mostra-se espirituosa, mas também verdadeira:

Austen revela Elizabeth Bennet, uma mulher que não aceita essa imposição de submissão, esse papel de incapacidade, procurando fazer suas próprias escolhas, mudando de opinião quando necessário, decidindo assim seu próprio futuro. (BARROS, 2013, p. 11).

A protagonista de *Pride and Prejudice* (1813) apresenta um discurso em que a confiança em um futuro desejado por ela é certo. E ela não se faz passiva em conseguir o desejado, o que a destaca das demais personagens. Elizabeth luta pelo que quer usando suas armas, indo contra um sistema opressor, e, assim, buscando sua felicidade: “Além disso, seu discurso é interessante porque ela aproxima as palavras “*act*”, “*manner*” e “*happiness*”: Elizabeth não diz simplesmente que *quer* ser feliz, mas que vai *agir* de maneira a conseguir esta felicidade” (DIAS, 2015, p.80, grifos do autor). Elizabeth aparece como revolucionária quando se impõe ao sistema de desigualdades vivido na obra, que não acredita na capacidade intelectual da mulher.

## **2.5 *Austenland* (2007), de Shannon Hale**

Shanon Hale é escritora estadunidense e se destacou, a princípio, como autora de livros infanto-juvenis, como: *The Goose Girl* \_o primeiro livro da série *Book of Bayern*\_ publicado em 2003, e *Princess Academy* (2005). Essas obras lhe renderam prêmios como o *Josette Frank* e, em 2006, o *Newbery Honor*.

Em 2007, Shannon Hale lançou *Austenland*, uma comédia romântica e também uma adaptação de *Pride and Prejudice* (1813), destacando em seu trabalho a figura de uma fã de Austen \_Jane Hayes\_ como protagonista do livro em questão.

Ao contrário de seus livros anteriores, Shannon Hale direciona *Austenland* (2007), ao público adulto. A obra foi, inicialmente, publicada como livro \_o qual é analisado sob a ótica da releitura neste trabalho\_ e, depois, foi também para o cinema, no ano de 2013.

No livro, *Austenland* é referência a um lugar \_Pembroke Park\_ a proposta contida na paisagem, no contexto do local, nas regras e nos atores contratados é levar os convidados, fãs de Jane Austen, a vivenciarem experiências do século XIX, descrito por Austen em *Pride and Prejudice*.

Na obra, Shannon Hale usa artifícios como o nome da protagonista, “Jane” Hayes, fazendo uma ligação com o nome da autora Jane Austen, e o título do livro, “*Austen*” *land*, com a ideia de estar contido em *Pembroke Park* o mundo de Austen. Já deixando o leitor suspeito do que tratará a história.

### **2.5.1 Jane Hayes, de *Austenland* (2007)**

Jane Hayes é releitura de Elizabeth Bennet, de *Pride and Prejudice* (1813), e protagonista do romance *Austenland*, publicado em 2007 por Shannon Hale. Uma moça independente, sonhadora, meiga e fã de Jane Austen e da personagem Mr. Darcy. Filha de Shirley e neta-sobrinha de Carolyn, ela vive só, em um apartamento em Manhattan. Sua melhor amiga e também confidente é Molly.

A família e a amiga conhecem o problema perturbador de Jane Hayes: a obsessão pela personagem fictícia de Mr. Darcy, a qual Hayes tem buscado em seus relacionamentos. No entanto, a procura gerou apenas conflito pessoal e frustração. Em nenhum dos 13 namorados, ao longo de seus 33 anos, ela conseguiu encontrar os traços do sonhado Darcy da obra de Austen, *Pride and Prejudice* (1813).

Haja vista isso, a avó, antes de morrer, colocou Jane em seu testamento, oferecendo a ela uma experiência com o mundo de Austen, na *Austenland*, em Pembroke Park, para confrontar fantasia e realidade. Dessa forma, fazer Jane Hayes descobrir o que realmente é importante para ela:

[o] enredo envolve uma protagonista traumatizada pelos maus relacionamentos tidos ao longo de sua vida e completamente obcecada pelo Sr. Darcy, responsável por ofuscar quaisquer figuras masculinas com quem ela tem contato. Após receber, de herança, uma viagem para a Austenlândia, um misterioso lugar na Inglaterra onde as pessoas devem se portar como no século XIX, Jane tem a chance de viver seu sonhado romance. (SIMÕES, 2015, s.p.).

E assim Jane Hayes, insegura, mas sonhadora, aceita o presente da avó e vai a Austenland, deixando toda sua vida e tecnologias para trás e imergindo na proposta do lugar, que é viver uma experiência romântica com um Mr. Darcy.

## **2.6 *The Secret Diary of Lizzie Bennet* (2014), de Bernie Su e Kate Rorick**

Lançado em 2014, *The Secret Diary of Lizzie Bennet*, surgiu a partir de uma websérie americana do vlogueiro Hank Green com o produtor e escritor Bernie Su, lançada em abril 2012 no *You Tube*, o que lhes garantiu o Emmy. Com postagens apresentadas ao público todas as segundas e quintas-feiras com duração de 2 a 8 minutos, contou ao todo com o número de cem episódios, como acrescenta Costa (2014, p.52): “A proposta da websérie, que contou com cem episódios, dez vídeos de perguntas e respostas e outras dezenas de vídeos em canais de apoio, era transpor o romance de Austen para o século XXI[...]”.

Toda a história de *The Secret Diary of Lizzie Bennet* (2012) foi baseada em *Pride and Prejudice* (1813) e aconteceu através da *internet*, para, só depois, ser escrita em forma de livro em 2014 por Bernie Su e Kate Rorick, tal qual estava no site de divulgação dos vídeos.

Com plataforma *on line*, o objetivo dos criadores da web série era apresentar aos internautas uma releitura da já citada obra de Austen, adaptada para século XXI. Essa releitura ia ao ar no formato de vlog pelo canal *You Tube*, em pequenos vídeos com histórias contadas em um diário virtual, o qual era gravado no quarto da personagem Lizzie Bennet, que interpreta a protagonista de Austen, Elizabeth Bennet, na atualidade, vivendo as situações e contextos da vida dos Bennet do século XIX.

### **2.6.1 Lizzie Bennet, de *The Secret Diary of Lizzie Bennet* (2014)**

Lizzie Bennet é a protagonista de *The Secret Diary of Lizzie Bennet* (2014). Ela é a releitura, para os dias atuais, da Elizabeth Bennet, de Austen, vivendo as



situações contidas no livro *Pride and Prejudice* (1813), como: a insistência do casamento vinda de sua mãe, Mrs. Bennet, o romance com Mr. Darcy, as histórias envolvendo a irmã Jane Bennet e Mr. Bingley, a amizade com Miss Lucas; no entanto, sendo estas contadas pelo ponto de vista do século XXI por Bernie Su e Kate Rorick.

Uma moça alegre, cheia de vigor e boas expectativas, Lizzie Bennet é comprometida com os estudos, vendo neles a possibilidade de ascensão, descartando, dessa forma, o pensamento de casamento por interesse econômico como solução de vida.

Como trabalho de conclusão de curso, Lizzie, com a ajuda da amiga Charlotte Lu \_ releitura de Miss Lucas de Austen\_ cria um diário virtual pela plataforma *You Tube*. Através desta, ela faz relatos de sua vida, tornando possível a percepção do leitor de vários posicionamentos e pontos de vista com relação à sua família, amigos e até mesmo com relação ao complicado relacionamento amoroso com Mr. Darcy.

### 3 METODOLOGIA

#### 3.1 Tipo de Pesquisa

Para a execução deste projeto, foi utilizada, preliminarmente, a pesquisa bibliográfica, em que se teve como embasamento não apenas os livros *Pride and Prejudice* (1813), de Jane Austen, *Austenland* (2007), de Shannon Hale, e *The Secret Diary of Lizzie Bennet* (2014), dos escritores Bernie Su e Kate Rorick, mas também outros autores, dentre eles: Barros (2013); Bloom (2001); Carvalho (2006); Chieriegatti (2014); Dias (2015); Formiga (2009); Musmanno (2015). Perissé (2003) e Silva (2015), autores de livros, artigos e demais materiais escritos considerados válidos para este fim, no intuito de dar maior credibilidade aos fatos que foram aqui discutidos,

Posterior à pesquisa bibliográfica, foi realizada uma pesquisa analítico-comparativa, por ser este um estudo no qual foram feitas análises do livro de Jane Austen, *Pride and Prejudice* (1813), sob a ótica da releitura, comparando-o com duas outras obras: o livro *Austenland* (2007), de Shannon Hale, e o livro *The Secret Diary of Lizzie Bennet* (2014), de Bernie Su e Kate Rorick.

A pesquisa teve o firme propósito de fazer uma comparação entre três obras, sendo sedimentada no procedimento de análise, em que foram feitas interpretações do comportamento referentes às protagonistas Elizabeth Bennet, Jane Hayes e Lizzie Bennet.

Quanto à abordagem, esta pesquisa é do tipo qualitativa, pois está associada ao levantamento de dados com base em observação, análise e comparação referente aos comportamentos das três protagonistas já citadas, para, assim, tornar possível o desenvolvimento de conceitos acerca do estudo pretendido.

#### 3.2 Universo da Pesquisa

O universo dessa investigação é formado por todas as obras da escritora Jane Austen que são constituídas \_além de registros epistolares e peça teatral\_ por seis de suas mais conhecidas publicações: *Sense and Sensibility* (1811), *Pride and Prejudice* (1813), *Mansfield Park* (1814), *Emma* (1815), *The Elliots* \_renomeado

como *Persuasion* (1818), e *Susan* renomeado *Northanger Abbey* (1818). A pesquisa é, ainda, constituída pelo romance *Austenland* (2007), séries e livros, como exemplo destes: *Princess Academy* (2005), *Book of a Thousand Days* (2007), *Midnight in Austenland* (2012), da escritora Shannon Hale, e também, pela obra *The Secret Diary of Lizzie Bennet* (2013), de Bernie Su e Kate Rorick.

### **3.3 Amostra**

Foram utilizados como amostras o romance de Jane Austen *Pride and Prejudice* (1813), o romance *Austenland* (2007), de Shannon Hale, e o livro *The Secret Diary of Lizzie Bennet* (2014), de Bernie Su e Kate Rorick.

### **3.4 Técnica de Coleta de Dados**

No total, foram utilizados doze extratos dos livros *Pride and Prejudice* (1813), de Jane Austen, *Austenland* (2007), de Shannon Hale, e *The Secret Diary of Lizzie Bennet* (2014), de Bernie Su e Kate Rorick, divididos em quatro quadros, como técnica de coleta de dados, a fim de serem analisados e contrastados.

## 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DO CORPUS

Trata-se, neste tópico, das análises referentes às particularidades das personagens Elizabeth Bennet, Jane Hayes e Lizzie Bennet e os contextos em que estão inseridas, considerando os romances *Pride and Prejudice* (1813), *Austenland* (2007), e *The Secret Diary of Lizzie Bennet* (2014), sendo os dois últimos contrastados com o primeiro.

O trabalho seguiu o propósito inicial por meio de análise das protagonistas acima mencionadas, verificando até que ponto as releituras *Austenland* (2007) e *The Secret Diary of Lizzie Bennet* (2014) conservam a essência do texto *Pride and Prejudice* (1813), com base no conceito de releitura.

Os conteúdos trabalhados por meio de análise, comparação e discussão são, neste segmento, apresentados através de seleção e amostragem de extratos dos romances já citados anteriormente. Os recortes dos textos estão aqui expostos em quadros para melhor apresentação e compreensão do leitor. Assim, foram eles direcionados de acordo com objetivo proposto inicialmente nessa análise.

A ordem estabelecida para apresentação é: título do tópico a ser analisado com breve apresentação de conteúdo dos recortes; em seguida, apresentação de um primeiro quadro com extrato da obra *Pride and Prejudice* (1813); e, logo abaixo deste, um segundo e terceiro quadros com extratos das obras *Austenland* (2007) e *The Secret Diary of Lizzie Bennet* (2014), respectivamente. É válido lembrar que todos os extratos a seguir apresentam suas respectivas traduções expostas nas páginas de anexos.

Seguindo a apresentação em quadros dos extratos referentes às três obras, estão as suas análises qualitativas. Decorridas as etapas de apresentação de extratos e análise, o trabalho é finalizado com um apanhado geral de informações, resultando destes a conclusão.

### 4.1 Definindo Elizabeth, Jane e Lizzie

Neste tópico, tem-se a apresentação das protagonistas por meio de extratos, nos quais Elizabeth Bennet, de *Pride and Prejudice* (1813), é definida por seu pai, Mr. Bennet; Jane Hayes, de *Austenland* (2007), tem sua definição feita pela tia-avó,

Carolyn; e Lizzie Bennet, de *The Secret Diary Of Lizzie Bennet* (2014), por sua melhor amiga e confidente, Charlotte Lu.

Quadro 1

Extratos	<i>Pride and Prejudice</i>
1	"They are all silly and ignorant like other girls; but Lizzy has something more of quickness than her sisters." (AUSTEN, 2016, p.12)
	<i>Austenland</i>
2	"You're past thirty, not married, not dating – If your mother's gossip and the photos in your apartment tell the truth. And it all comes down to that story. You're obsessed." (HALE, 2007, p. 5)
	<i>The Secret Diary of Lizzie Bennet</i>
3	Friday, April 20 <sup>th</sup> "Lizzie, you're a hit! You have legitimate audience now!" [...]"I've known you since birth, Lizzie. You've never had nothing to say. (SU; RORICK, 2014, p.17)

Fonte: A autora

No primeiro extrato, a personagem de *Pride and Prejudice* (1813), Elizabeth, com seus vinte anos, é descrita, logo nas primeiras páginas do livro, em uma palavra pelo pai, Mr. Bennet. A descrição é feita em comparação às quatro irmãs e demais moças do início do século XIX, quando então se passa a estória. É perceptível aos olhos de Mr. Bennet a diferença no comportamento da filha. E, embora também amando as demais filhas, mostra por meio de uma única palavra, expressa no recorte apresentado, um conceito sobre Elizabeth que pode ser confirmado no decorrer da leitura do referido romance.

Mr. Bennet coloca Miss Bennet em um patamar acima das demais garotas quando a julga "ágil", mostrando, dessa forma, que ela possui um pensamento à frente de seu tempo, sendo ela, portanto, observadora e esperta, fato que não era comum às demais moças. Isso dá a Elizabeth um caráter de maturidade, afirmação feita pelo próprio pai.

Já no extrato de número 2, referente a *Austenland* (2007), observa-se um contraste drástico de Jane Hayes, na observação de sua tia-avó Carolyn, com relação ao extrato anterior em que se fala da protagonista Elizabeth. Jane é uma mulher adulta. No entanto, apaixonada pela figura de um homem fictício, ela tem sua vida amorosa fracassada por idealizar em Mr. Darcy, personagem de Austen, todos os seus namorados, o que mostra imaturidade dela em conduzir sua própria vida e seus sentimentos, apesar da idade.

Em *The Secret Diary of Lizzie Bennet* (2014), terceiro extrato apresentado, tem-se Lizzie, uma estudante de comunicação de 24 anos, retratada pela melhor

amiga Charlotte Lu. Lizzie expõe-se publicamente em um vídeo blog no *You Tube* por conta de um projeto como trabalho de conclusão de sua pós-graduação, o qual é dito pela amiga ser um sucesso em sua primeira aparição. Charlotte Lu deixa claro ainda que Lizzie é ágil \_tal qual Elizabeth no extrato de número 1, deste tópico\_ quando diz que nunca a viu sem ter nada para dizer, deixando transparecer, dessa forma, o bom desenvolvimento da garota com as palavras diante de alguma suposta situação.

#### 4.2 A autoconfiança e o humor

A seguir, tem-se a descrição das três protagonistas com relação à autoconfiança diante de algumas situações e como elas lidam com tais eventos, como o humor se faz ou não presente.

Primeira situação: Elizabeth é surpreendida com o desprezo de Mr. Darcy, relatado para o amigo Mr. Bingley ,quando ela o ouve, sem que Darcy e o amigo percebam. Segunda situação: não há diálogo, o narrador já deixa expresso o que existe de autoconfiança e humor em Miss Hayes. Terceira situação: Lizzie Bennet mostra um pouco de seu comportamento, aqui em questão, estando na presença de seu pai, ocasião em que sua mãe persiste nas conversas sobre netos e casamento.

Quadro 2

Extratos	<i>Pride and Prejudice</i>
1	Mr. Bingley followed his advice. Mr. Darcy walked off; and Elizabeth remained with no very cordial feelings toward him. She told the story, however, with great spirit among her friends; for she had a lively, playful disposition, which delighted in anything ridiculous. (AUSTEN, 2016, p.20)
	<i>Austenland</i>
2	[...] Here she was, dizzy with thoughts of her own stupidity and vulnerability and all other Dr. Phil-ness, and to suddenly confront her own face years younger. . . well, <i>ick</i> , an unpleasant reminder that she was just as stupid and vulnerable back then. She hadn't changed. She'd been standing knee-deep in the same romance mud for years and she didn't even care anymore. (HALE, 2007, p.16)
	<i>The Secret Diary of Lizzie Bennet</i>
3	Saturday, May 5 <sup>th</sup> "I never did understand your humor, Lizzie." "Well, if my choice is death by terrorist or hasty marriage to someone I already know in the hopes of staving off singlehood, I choose Option C." "Option C?" "Yes, Where I have a successful career, a healthy disposable income, and a close group of single friends with whom I can travel the world". "You would deny me grandchildren?" [...] "Oh, no!! I grin at my dad, who is trying to hold his own smile in. "Once I'm established in my career, have paid back my loans... there's always artificial

No primeiro extrato deste Quadro 2, Elizabeth está no baile oferecido por Mr. Bingley. A cena mostra a leveza, a segurança e o bom humor que a moça tem diante do comportamento esnobe de Mr. Darcy, quando ele está conversando com Mr. Bingley referindo-se a ela. A postura de Elizabeth é segura e displicente. Ela não se deixa magoar pela atitude notada em Darcy. Ao contrário, ela conta com graça o fato à amiga, mostrando-se superior ao acontecido.

No segundo extrato, no entanto, vê-se a protagonista de *Austenland* (2007) e nota-se uma distância entre a personagem Jane Hayes e a protagonista da obra de Austen, Elizabeth.

A cena se dá quando, depois de receber como herança da falecida tia-avó, Carolyn, três semanas de férias pagas para *Pembroke Park*, Jane vai ao Google pesquisar sobre o local. Com a tela do computador ligada e em meio a dúvidas sobre ir ou não ao tal passeio, ela se surpreende ao notar uma foto de seu rosto estampada no monitor, fotografia feita há alguns anos por um de seus ex-namorados, os quais ela tratava por número - este, no caso, o número sete. Nesse momento, ela fica perdida em pensamentos, e o narrador expõe sobre quão melancólica e insegura é a senhorita Hayes. Não é percebido em Jane Hayes o mesmo humor ou a autoconfiança presente em Elizabeth. A imagem passada de Jane é completamente oposta.

Já na releitura *The Secret Diary of Lizzie Bennet* (2014), de Bernie Su e Kate Rorick, apresentada no terceiro extrato, deste Quadro 2, a protagonista, Lizzie, apresenta-se com uma semelhança de comportamento visivelmente maior. Ela tem a agilidade, o entusiasmo pela vida, a ironia e uma boa dose de humor que também são percebidos em Miss Bennet, de *Pride and Prejudice* (1813): “[...] frases e cenas importantes do livro foram colocadas no enredo, tornando-o o mais fiel possível à obra original, dentro dos limites estabelecidos pelos criadores” (COSTA, 2014, p.59), o que também contribuiu para manter a essência da personagem de Austen preservada em Lizzie.

No diálogo do terceiro extrato, Mrs. Bennet aconselha a filha a casar-se cedo, seguindo o exemplo dela, e a dar-lhe netos. Lizzie lida com a situação, usando de bom humor, citando seus planos para o futuro, em que considera coisas mais importantes como a carreira e independência financeira. E sob a cumplicidade do pai

\_sendo que ambos já conhecem a velha insistência de Mrs. Bennet em casar suas filhas, de preferência com rapazes ricos\_ acrescenta a possibilidade de netos com o uso de inseminação artificial. Nota-se ainda que as relações de humor e autoconfiança presentes em Lizzie são também marcas registradas de Elizabeth.

#### 4.3 O contexto social em que as protagonistas estão inseridas

Neste tópico, serão expostas nos extratos a seguir, situações que nos remetem ao contexto social vivido por cada uma das protagonistas das narrativas aqui analisadas.

Para Elizabeth, que vive no século XIX, o assunto de maior importância será o casamento. Jane Hayes, no século XXI, é uma mulher obcecada pela procura incessante de um homem com as qualidades de Mr. Darcy, personagem de *Pride and Prejudice* (1813). Terá ela como foco viver uma aventura, teatralizada, na esperança de superar sua fixação. Lizzie Bennet, a terceira, que também vive no século XXI, tem um canal no *You Tube* em que ela posta, de forma divertida, acontecimentos de sua vida. Tal personagem viverá a pressão, por parte da mãe, para casar-se logo e com alguém rico.

Quadro 3

Extratos	<i>Pride and Prejudice</i>
1	<p>"I have, sir."</p> <p>"Very well. We now come to the point. Your mother insists upon your accepting it. Is it not so, Mrs. Bennet?"</p> <p>"Yes, or I will never see her again."</p> <p>"An unhappy alternative is before you, Elizabeth. From this day you must be a stranger to one of your parents. Your mother will never see you again if you do <i>not</i> marry Mr. Collins, and I will never see you again if you <i>do</i>."</p> <p>Elizabeth could not but smile at such a conclusion of such a beginning, but Mrs. Bennet, who had persuaded herself that her husband regarded the affair as she wished, was excessively disappointed.</p> <p>"What do you mean, Mr. Bennet, in talking this way? You promised me to <i>insist</i> upon her marrying him." (AUSTEN, 2016, p.134)</p>
	<i>Austenland</i>
2	<p>Welcome to 1816. I am Mrs. Wattlesbrook. And what shall we call you?"</p> <p>"Jane Hayes is fine."</p> <p>Mrs. Wattlesbrook raised her eyebrows. "Is that so? You are certain you still wish to retain your Christian name? Very well, but we mustn't keep our entire name, right?"</p> <p>We shall address you as Miss Jane Erstwhile."</p> <p>Erstwhile? "Uh, okay." (HALE, 2007, p.23)</p>
	<i>The Secret Diary of Lizzie Bennet</i>
3	<p>Sunday, June 10<sup>th</sup></p> <p>Why can't? Mom just let things happen on their own? Why must she push and rush and force a skewed view of what's important on us all? Case in point: this</p>



3	past week, all my mother has done is ask me whether I've heard from "that nice swimmer you met with your sister". (SU; RORICK, 2014, p. 77)
---	---

Fonte: A autora

Elizabeth vive sob pressão constante da mãe, que tem uma preocupação aparente do século XIX para casar as filhas e garantir o futuro financeiro delas. No período em que vive Elizabeth \_século XIX\_ mulheres não tinham direito à herança do pai. Na família Bennet, só havia descendentes mulheres, portanto, Elizabeth e suas irmãs não herdariam os bens da família, e isso tirava o sossego de sua mãe, Mrs. Bennet.

No primeiro extrato deste Quadro 3, Elizabeth está em uma conversa com o pai, Mr. Bennet, a pedido de sua cuidadosa mãe, para que ele a faça mudar de ideia, pois a jovem não aceitara o pedido de casamento de Mr. Collins \_o primo que herdará a herança dos Bennet. No entanto, a conversa se faz em vão e Elizabeth fica feliz pelo apoio do pai:

O casamento por conveniência é uma constante na obra de Austen. E a idade da mulher também é um fator importante na busca por um bom casamento: independentemente da idade do homem, uma mulher com idade superior a 21 anos já tem dificuldades em encontrar um marido, por ter idade considerada avançada. (CHIEREGATTI, 2014, p.29)

No romance de Jane Austen, o casamento aparece como um assunto relevante, e Elizabeth surge com um pensamento diferenciado das moças de sua época, priorizando o amor em detrimento ao matrimônio, colocando-se como pessoa ativa, digna de respeito e merecedora de um espaço, ainda não aceito, na sociedade em questão. Ela usa inteligência, humor e ironia na lida com questões que surgem ao longo da trama, impondo-se ou criticando, através de suas palavras ou postura, comportamentos que ela discorda.

No segundo extrato, tem-se o trecho do livro *Austenland* (2007), que mostra a recepção de Jane Hayes por Mrs. Wattlesbrook, em *Pembrook Park*. A protagonista vive no século XXI, mora sozinha em um apartamento em Manhattan e sua família é composta apenas pela mãe, Shirley, e a tia-avó, Carolyn. Sua melhor amiga, Molly, é solteira e mãe de um filho.

A releitura de *Pride and Prejudice* (1813) é notada a partir da pessoa de Jane Hayes quando ela vai de férias, por três semanas, viver a fantasia de um romance em um local paradisíaco, pago pela já falecida Carolyn, que tinha o intuito

de ajudar a sobrinha-neta a sair da paranoia por um homem fictício e voltar a viver sua vida como alguém, dito, normal.

É no contexto cenográfico de 1816, em *Pembrook Park* \_a *Austenland*\_ que Jane Hayes passa a se chamar Miss Jane Erstwhile. A ideia do local é proporcionar aos hóspedes uma experiência romântica de inserção no mundo em que vive Elizabeth Bennet. As mulheres encenam a Elizabeth de Austen e esperam viver um romance como o descrito no século XIX do livro da referida escritora. Porém, em *Pembrook Park*, tudo não passa de um grande teatro com atores que também encenam personagens de *Pride and Prejudice* (1813), romance preferido de Jane Hayes. Tudo um verdadeiro “faz-de-contas”.

Dessa forma, Miss Erstwhile, a Jane Hayes, não se transforma em Elizabeth Bennet, na releitura *Austenland* (2007), de Shannon Hale. Apenas, busca uma proximidade aparente com ela através de muito estudo e encenação, que são expressamente exigidos durante a permanência em *Pembrook Park*.

É mostrada ainda a recepção de Jane Hayes, na qual uma das primeiras exigências é a mudança de nome e, logo depois, a passagem por um ritual de transformação e adequação às regras do local para que tudo ocorra perfeito durante sua permanência e experiência em *Austenland*.

O propósito de Jane é livrar-se da obsessão que criou por Darcy. Ela acredita que, dando a si um romance com ele, conseguirá se livrar da fixação pela figura da personagem de Austen e voltar a viver normalmente. No entanto, ela vive em *Pembrook Park* um conflito perturbador: aproveitar a situação e ter um romance com o tão sonhado Darcy, encenado por Mr. Nobley e proposto pelo lugar, correndo o risco de aumentar ainda mais sua fixação por Mr. Darcy ou ter um romance com o jardineiro Theodore e “despertar” de vez para a realidade.

Nesse contexto, é notável a criatividade da autora Shannon Hale na recriação da personagem, permitido em uma adaptação por meio da releitura. Então, Jane Hayes aparece fazendo alusão à Elizabeth, de *Pride and Prejudice* (1813), pois surge completamente às avessas do que é e de como agiria Elizabeth. Ela passa, assim, uma imagem fraca e digna de piedade perante a imagem da protagonista de Austen.

As similaridades, no entanto, aparecem quando se observa o contexto cenográfico criado dentro do livro *Austenland* (2007), como: cenário, vestimentas do século XIX e personagens encenadas de *Pride and Prejudice* (1813), como Mr.

Nobley encenando claramente Mr. Darcy. Isso nos remete ao romance de Austen e a certeza de sua releitura. Jane Hayes, na pessoa de Miss Erstwhile atua como Elizabeth; no entanto, mostra-se sempre indecisa, temerosa e romântica, não se assemelhando em nada a pessoa que é Miss Bennet, com seus 21 anos já mostrando maturidade em muitas situações.

No extrato 3, ainda referente a este tópico, em *The Secret Diary of Lizzie Bennet* (2014), Lizzie aparece desabafando sobre sua mãe querer apressar a realidade e vê-la logo comprometida. Lizzie é a releitura de Elizabeth, retratada no século XXI, uma estudante de comunicação que faz graduação, mora com os pais, mais duas irmãs \_não mais quatro como em *Pride and Prejudice* (1813). A personagem tem um canal no *You Tube*, criado para um projeto de conclusão de sua pós-graduação. Nesse canal, com a ajuda de sua reverenciada, idolatrada e melhor amiga, Charlotte Lu, ela retrata sua vida, frustrações e sentimentos sobre tudo que a cerca, relacionado ao convívio com os pais, amigos, namorado, e posta esses vídeos duas vezes por semana na *internet*.

Lizzie, tal qual Elizabeth, embora vivendo em épocas diferentes, aparece no romance com a insistência da mãe por um casamento. Além disso, as histórias seguem roteiros muito parecidos.

Percebe-se em *The Secret Diary of Lizzie Bennet* (2014) uma alusão ao encontro de Elizabeth com Darcy, o romance entre Jane e Mr. Bingley \_agora Jane e Bing Lee; cenas como a predileção do pai pela filha, a insistência da mãe por casamento, a amizade entre Elizabeth e Charlotte Lucas; assim como muitos outros elementos presentes na obra que nos remete à narrativa de Jane Austen.

Contudo, vale observar a importância dada a Charlotte Lu por Lizzie. Lizzie se faz dependente de Charlotte em muitas situações. A relação amigável entre Lizzie e Charlotte leva-nos à amizade de Elizabeth por Miss Lucas em *Pride and Prejudice* (1813). No entanto, em *The Secret Diary of Lizzie Bennet* (2014), essa relação de amizade de Lizzie por Charlotte é mais realçada. Elizabeth tem determinação, coragem e independência não vinculadas à amiga. Já Lizzie, em alguns momentos, precisa dos conselhos, força e incentivo de Charlotte Lu.

*The Secret Diary of Lizzie Bennet* (2014) é uma releitura do romance de Austen para os dias atuais, em que são considerados na história de Bernie Su e Kate Rorick as novas tecnologias, o espaço conquistado pelas mulheres, a *internet*, a vida na cidade. Contudo,, embora sendo uma obra atualizada, conservou alguns

elementos de *Pride and Prejudice* (1813). Exemplos disso são: o discurso do casamento, a relação familiar e alguns comportamentos pessoais dos personagens.

Outra particularidade notada é ausência ou troca de personagem por um novo, por exemplo, Kitty, que em *Pride and Prejudice* (1813) é irmã de Elizabeth Bennet, na releitura de Bernie Su e Kate Roric, aparece como a gata de estimação. As irmãs Bennet não aparecem todas no romance atual. Essa particularidade é também percebida em *Austenland* (2007).

#### 4.4 O temperamento das protagonistas diante de afrontas

Neste tópico, são apresentados recortes mostrando o comportamento das três protagonistas diante de tentativas de intimidação. A primeira situação ocorre com Elizabeth em um jantar na casa de Lady Catherine, tia de Darcy, em que esta tenta ofender a jovem Bennet ao averiguar indiscretamente sobre as condições de criação de Elizabeth e comportamentos assumidos por ela e pelas irmãs.

Na situação seguinte, sobre *Austenland* (2007), é mostrado a defesa assumida por Jane Hayes em conversa com Mr. Nobley quando ele diz conseguir conceituar pessoas no primeiro olhar. No terceiro extrato, a cena se dá em um jantar na casa da mãe de Rick Collins, Sra. Catherine de Bourgh, que constrange Lizzie com suas perguntas e afirmações.

Quadro 4

Extratos	<i>Pride and Prejudice</i>
1	The party did not supply much conversation. Elizabeth was ready to speak whenever there was an opening, but she was seated between Charlotte and Miss de Bourgh _ the former of whom was engaged in listening to Lady Catherine, and the latter said not a word to her all dinner-time. [...] Maria thought speaking out of the question, and the gentlemen did nothing but eat and admire.[...]she addressed a variety of questions to Maria and Elizabeth, but especially to the latter, [...] Elizabeth felt all the impertinence of her questions but answered them very composedly. (AUSTEN, 2016, p.190)
	<i>Austenland</i>
2	“So, you can tell the worth, the merit, the nobility of a person at a glance?” “And you cannot?”[...] “You are correct, sir. However, I do hope that, in at least one regard, my first impression will eventually prove not to be <i>completely</i> accurate.” There was a tense silence, and then Colonel Andrews laughed again. (HALE, 2007, p. 44)

	<i>The Secret Diary of Lizzie Bennet</i>
3	<p>Tuesday, October 9<sup>th</sup></p> <p>"Well, I suppose I can admire your desire to finish your education. But isn't your family quite poor?"</p> <p>"I...um..."</p> <p>"How many sisters do you have?"</p> <p>"Just the two"</p> <p>"And you all still live home?"</p> <p>"Well, Lydia's only twenty, and Jane actually just took a job in Los Angeles and moved out" [...]</p> <p>[...] "I have Always felt the middle class has been too coddled. I do hope you're not one of those people who are jealous of people with money. But we do work so much harder than you".</p> <p>"Of course you do", I said. I think she missed the sarcasm, because Ms. de Bough just kept talking, blissfully unaware. (SU; RORICK, 2014, p. 197)</p>

Fonte: A autora

No extrato de número um deste tópico, é testemunhado o comportamento de Elizabeth diante da presença intimidante de Lady Catherine, tia de Mr. Darcy, durante jantar, na casa de Mr. Collins, primo de Elizabeth e atual marido de sua melhor amiga, Charlotte Lucas.

No jantar, todas as demais pessoas contêm-se em suas falas e restringem-se a ouvir e a responder, quando solicitadas, à ilustre dama, cheia de observações e curiosidades sobre os convidados. Elizabeth, por sua vez, mostra-se em sua simplicidade, segura, ativa em meio ao clima formal que se estabeleceu. É alvo da curiosidade e inconveniência de Lady Catherine e, ainda assim, responde a todas as indagações da senhora com a normalidade de quem estivesse entre amigos, no entanto, percebendo com clareza o que se passava ali:

Elizabeth diferencia-se de outras heroínas suas contemporâneas por sua inteligência, independência de pensamento e originalidade. Sua capacidade de observação e distanciamento permitem-lhe analisar as forças em ação ao seu redor e recusar-se a adotar posturas comumente aceitas para seu sexo. (MUSMANNO, 2015, p.61)

Elizabeth tem sagacidade, e isso é percebido em vários trechos do livro. Ela se mostra certa do que analisa nas situações e não baixa a cabeça diante de intimidações. E Lady Catherine aparece na história como uma dessas pessoas que tentam provocar, sem sucesso, a jovem Bennet. A senhora tenta impor sua visão e vontades, como em uma dada situação quando Mrs. de Bourgh expressa o desejo em casar Mr. Darcy com sua filha, Miss Bourgh. Elizabeth até demonstra surpresa por tal interferência vinda de uma Lady com tamanho prestígio e poder, mas nem assim se "dobra" à imponente no tom de voz e olhares de contradição de Lady

Catherine. E responde à altura, à senhora que tentara outrora diminuir o seu valor e intimidá-la.

Já no segundo extrato, sobre *Austenland* (2007), a releitura segue roteiro um tanto diferente da narrativa de Austen, sendo que Miss Erstwhile \_que, na verdade, é a encenação de Miss Bennet\_ encontra-se na casa de sua tia, Mrs. Saffronia, e o marido dela, Mr. John Templeton, que não a viam desde os dois anos de idade de Erstwhile. A cena, considerando a obra de Austen, lembra o jantar na casa de Lady Catherine, tia de Mr. Darcy, onde Elizabeth destaca-se com postura e segurança de quem sabe de si.

Mas, no que se refere ao comportamento altivo de Jane Hayes \_a senhorita Erstwhile\_ nota-se grande diferença do de Elizabeth Bennet, pois ela demonstra timidamente um comportamento denotando confiança e segurança em si. Erstwhile \_encenada por Jane Hayes\_ aparece durante visita à casa da tia, insegura, sempre pensativa de sua situação fantasiosa e tentando seguir o comportamento ético exigido em *Pembroke Park*. Jane Hayes deixa transparecer seu incômodo, em alguns trechos do livro, por se dar conta de que tudo é encenação. Nota-se que ela não consegue se entregar por completo à fantasia, muitas vezes quebrada pela má encenação dos colegas ou por objetos utilizados, referentes ao século XXI, fazendo-a lembrar da realidade.

No diálogo apresentado, tem-se a manifestação do pensamento de Jane Hayes a Mr. Nobley \_Mr. Darcy\_ em que ela, mesmo concordando com o argumento dele, contraria-o, expondo a ele o desejo de não ser real uma primeira impressão formada no ato de conhecer alguém, referindo-se a ele quando cita essa vontade em estar enganada. A postura de Jane Hayes é confusa em saber se ela está falando com a personagem Nobley ou com o ator. Mesmo assim, durante a leitura do livro, nota-se que Jane ou a atriz Erstwhile é passiva nas atitudes e tomada de decisões.

O extrato 3 de *The Secret Diary of Lizzie Bennet* (2014) retrata a cena do jantar de Mrs. De Bourgh de *Pride and Prejudice* (1813) agora, na casa da Sra. Catherine de Bourgh mãe de Rick Collins e tia de William Darcy. A semelhança nos comportamentos da dama com a obra original é visível, no entanto, com linguagem adaptada ao século XXI.

Nota-se em Lizzie um controle em seu comportamento, graças às recomendações de Rick Collins durante viagem à casa da Senhora de Bourgh e pela amiga Charlotte Lu durante o jantar. Por essa razão, Lizzie, diante das provocações

e ações intimidadoras da senhora em questão, mostra-se segura, confiante e fala sem medos. Ela usa de sarcasmo ao lidar com a senhora em um controle por educação e respeito, diferenciando-se da obra original em que Elizabeth consegue esse controle por si só.

Outras qualidades aproximam mais Lizzie da Elizabeth, de *Pride and Prejudice*, como a alegria, entusiasmo, ironia. Na versão atual da obra de Austen, *The Secret Diary of Lizzie Bennet* (2014), Lizzie usa a amiga Charlotte Lu como suporte, base que lhe dá força em vários aspectos de sua vida. E nisso Lizzie diferencia-se de Elizabeth Bennet, porque mesmo Elizabeth sendo amiga de Charlotte Lucas \_na obra de Jane Austen\_ ela tem autonomia e autoconfiança, o que às vezes falta em Lizzie.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foram analisadas, nesta pesquisa, as protagonistas dos romances *Pride and Prejudice* (1813), de Jane Austen, *Austenland* (2007), de Shannon Hale; e *The Secret Diary of Lizzie Bennet* (2014), de Bernie Su e Kate Rorick, a partir do conceito de releitura. Sendo, dos três romances, os dois últimos releituras do primeiro. Assim, foram eles comparados e contrastados por meio de extratos retirados dos respectivos livros, cumprindo, dessa forma, o objetivo proposto.

Para alcançar o objetivo, levantou-se três hipóteses, das quais duas se confirmaram. A primeira a ser confirmada diz respeito à possibilidade de mudanças serem feitas na releitura, por conta das exigências do autor que a constrói. Nos extratos, foram percebidas algumas alterações em ambas as releituras como: a adequação do tempo cronológico, a retirada de personagem e, até mesmo, criação de personagem. Em *Austenland* (2007), notou-se a ausência de personagens, por exemplo, as irmãs de Elizabeth, de *Pride and Prejudice* (1813), e, em *The Secret Diary of Lizzie Bennet* (2014), Kitty, a quarta filha dos Bennet, em *Pride and Prejudice* (1813), não mais aparece como a irmã Bennet, mas como a gatinha de estimação da família. O tempo cronológico é atual, a história se passa no século XXI.

A segunda hipótese é referente à afirmativa de que a protagonista Elizabeth Bennet é apresentada por Jane Austen como uma heroína destemida em *Pride and Prejudice* (1813), hipótese esta é confirmada pela análise dos extratos estudados. Notou-se a segurança, independência e coragem de Elizabeth Bennet, que se destaca quando comparada a Jane Hayes e até mesmo com Lizzie Bennet, a qual se mostrou em maior similaridade de comportamento com Elizabeth.

Na terceira hipótese, foi levantado que, mesmo em um novo contexto histórico e cultural, Jane e Lizzie se mostrariam fiéis à essência do comportamento assumido por Elizabeth Bennet. Tal hipótese não confirmada, sendo que Jane se diferenciou da protagonista de Austen, contrariando, dessa forma, a hipótese levantada de que as essências se manteriam. Tal negativa se deu quando, analisada, Jane Hayes de *Austenland* (2007), mostrou discordância demasiada com Elizabeth Bennet. Jane em toda a narrativa se mostrou insegura, imatura e boba mesmo em suas tentativas nas imitações a Elizabeth.



Analisar as releituras de *Pride and Prejudice* (1813) fez-se importante por ter sido possível constatar a magnitude da escrita de Austen em personagens tão cativantes quanto Elizabeth, Mr. Darcy, Mr. e Mrs. Bennet e tantas outras, com singularidades e tão completas que chegam a confundir-nos de serem reais, e não personagens criadas pela escritora em questão. Através deste estudo, foi possível ter a percepção da genialidade de Austen expressa em suas obras, as quais serviram de inspiração para várias outras criações, como as releituras escritas por Shannon Hale, Bernie Su e Kate Rorick. E por ter contribuído no agregar de conhecimento acerca do assunto releitura, o que favoreceu demasiadamente no despertar de percepções diante de leituras no geral.

Aos acadêmicos, a relevância deste trabalho se dá à medida em que proporciona o entendimento sobre o conceito de releitura como uma construção complexa, que envolve atenção, estudo e planejamento. Isso possibilita o desenvolvimento de habilidades cognitivas, promove o conhecimento, discussão sobre obras e cria novas possibilidades interpretativas, as quais irão contribuir na quebra ou formação de conceitos. Ela também incentiva a criação de trabalhos futuros, o que resultará na formação de novos escritores.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, Tânia Fruguele Soares. **Jane Austen on Screen: A literatura e o cinema**. Monografia (Especialização em Ensino de Línguas Estrangeiras Modernas) UTFPR, 2006.

AUSTEN, Jane. **Orgulho e Preconceito-Pride and Prejudice**. Edição bilíngue Português/Inglês. Tradução de Marcella Furtado. São Paulo: Landmark, 2016.

BARROS, Samira Alves de. **Representações das Personagens femininas de Orgulho e Preconceito, de Jane Austen**. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras) UESPI, 2013.

BLOOM, Harold. **Como e por que ler**. Tradução de José Roberto O'Shea. Rio de Janeiro: Objetiva Ltda. 2001.

CARVALHO, Diógenes Buenos Aires de. **A adaptação literária para crianças e jovens: Robinson Crusoé no Brasil**. Tese (Doutorado em Letras) PUCRS, 2006.

CHIEREGATTI, Amanda Aparecida. **Leituras da Paratopia criadora de Jane Austen: Uma oitocentista contemporânea**. Monografia (Bacharelado em Linguística). UFSCAR, São Paulo, 2014.

COSTA, Iris Maria Figueiredo da. **Duzentos anos com rostinho de vinte. A influência de “Orgulho & Preconceito” para novas produções**. Monografia (Bacharel em Comunicação). UFRJ, 2014.

DIAS, Nara Luiza do Amaral. **A razão em Jane Austen: Classe, gênero e casamento em Pride and Prejudice**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) USP, 2015.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio Século XX Escolar**. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FORMIGA, Girlene Marques. **Adaptação de Clássicos Literários. Uma história de adaptação no Brasil.** Tese (Doutorado em Letras) UFPPB, 2009.

HALE, Shannon. **Austenland.** Virgínia. U.S.A: Bloomsbury, 2007.

HALE, Shannon. **Austenlândia.** Tradução de Regiane Winarski Rio de Janeiro: Record, 2014.

KUSUMOTO, Meire. **De Machado de Assis a Shakespeare: quando a adaptação diminui obras clássicas.** Revista Veja, 12 Maio 2014. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/entretenimento/de-machado-de-assis-a-shakespeare-quando-a-adaptacao-diminui-obras-classicas/>>. Acesso em: 29 nov. 2018.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura.** 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

MUSMANNO, Luana Maricatto. **Perspectivas intersemióticas e transmidialidade: Adaptando Jane Austen no século XXI.** Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

PACHECO, M. R.; SOUZA, F. F. **A Representação da voz feminina nas personagens centrais de Austen em Emma e Orgulho e Preconceito.** Artigo (Revista digital do curso de Letras) UNEMAT . 2011. Disponível em:<[http://www2.unemat.br/avepalavra/EDICOES/11/artigos/Jane\\_Austen\\_Voz\\_Feminina.pdf](http://www2.unemat.br/avepalavra/EDICOES/11/artigos/Jane_Austen_Voz_Feminina.pdf)>. Acesso em: 16/08/2018.

PERISSÉ, Gabriel. **A Arte da Palavra.** São Paulo: Manole Ltda, 2003.

SILVA, Suelen Érica Costa da. **Clássicos da literatura brasileira no formato de livroclip (re)leitura e interatividade.** (artigo) 1.ed PUCMG 2015. Disponível em: <<https://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/textolivre> >. Acesso em 08/11/2018 às 15:30

SIMÕES, Aiona. **Livros na Telona - Austenlândia - Shannon Hale. Vida Literária.** 25 fev. 2015. Disponível em: <https://www.minhavidaliteraria.com.br/2015/02/25/livros-na-telona-austenlandia-shannon-hale/>. Acesso em: 01 dez. 2018.

SU, Bernie; RORICK, Kate. **O Diário secreto de Lizzie Bennet.** Tradução de Claudia Mello Bellhassof. 2. ed. São Paulo: Verus, 2014.

SU, Bernie; RORICK, Kate. **The Secret Diary of Lizzie Bennet.** 2. ed. Nova York: Simon & Schuster, 2014.

# ANEXOS

## Traduções dos extratos apresentados nos quadros da Análise do Corpus

Quadro 1

Extratos	<i>Orgulho e Preconceito</i>
1	“Elas são todas bobas e ignorante, como as outras garotas; mas Lizzy tem um que de agilidade a mais que suas irmãs.” (AUSTEN, 2016, p.13).
	<i>Austenlândia</i>
2	“Você já passou dos 30, não é casada, não está namorando... se as fofocas da sua mãe e as fotos do seu apartamento estão dizendo a verdade. E tudo se resume àquela história. Você está obcecada.” (HALE, 2014, p.12).
	<i>O Diário Secreto de Lizzie Bennet</i>
3	Sexta feira - 20 de Abril “Lizzie, você é um sucesso!” Você tem um publico de verdade agora! [...] Eu te conheço desde que você nasceu, Lizzie. Nunca aconteceu de você não ter nada pra dizer. (SU; RORICK 2014, p. 23)

Fonte: A autora

Quadro 2

Extratos:	<i>Orgulho e Preconceito</i>
1	Mr. Bingley seguiu o conselho. Mr. Darcy se afastou; e Elizabeth permaneceu sem sentimentos muito cordiais para com ele. Ela contou o fato, porem, com muita graça entre suas amigas; pois tinha uma disposição vívida e divertida, que tornava apazível qualquer coisa ridícula. (AUSTEN, 2016, p.21)
	<i>Austenlândia</i>
2	[...] Aqui estava ela, tonta com pensamentos de sua própria burrice e vulnerabilidade e todas as outras questões psicológicas, e de repente dando de cara com o próprio rosto anos mais jovem... bem, eca, um lembrete desagradável de que ela era apenas burra e vulnerável naquela época. Não tinha mudado. Estava afundada até os joelhos na mesma lama romântica havia anos e nem se importava mais. (HALE, 2014, p 23)
	<i>O Diário Secreto de Lizzie Bennet</i>
3	Sábado, 5 de Maio Eu nunca entendi o seu humor, Lizzie. — Bom, se as minhas opções são ser assassinada por um terrorista ou me casar às pressas com alguém que eu já conheço, na esperança de evitar a solteirice, eu escolho a opção C. — Opção C? — Isso. Ter uma carreira de sucesso, uma renda legal e um grupo próximo de amigos solteiros com quem eu possa viajar pelo mundo. — Você vai me negar os netos? [...] — Ah, não! — Dei um sorriso irônico para meu pai, que estava tentando controlar o riso. — Depois que eu estiver estabelecida na carreira, tiver quitado meus empréstimos... sempre posso fazer uma inseminação artificial. (SU; RORICK, 2014, p. 44)

Fonte: A autora

Quadro 3

Extratos:	<i>Orgulho e Preconceito</i>
1	<p>— Recusei.</p> <p>— Muito bem, chegamos agora ao assunto. Sua mãe insiste em que você aceite. Não é assim, Mrs. Bennet?</p> <p>— Sim, ou eu nunca mais tornarei a vê-la.</p> <p>— Você está diante de uma alternativa difícil, Elizabeth. De hoje em diante você terá que se tornar uma estranha para um dos seus pais. Sua mãe nunca mais olhará para você, se não se casar com Mr. Collins. E eu nunca mais a verei, se você se casar.</p> <p>Elizabeth não pôde deixar de sorrir diante da conclusão; mas Mrs. Bennet, que estava convencida de que o marido considerava o assunto de um ponto de vista idêntico ao seu, ficou excessivamente desapontada.</p> <p>— Que é que você quer dizer com isto, Mr. Bennet? Você prometeu que insistiria com Elizabeth para que ela se casasse. (AUSTEN, 2016, p.135)</p>
	<i>Austenlândia</i>
2	<p>— Bem-vinda a 1816. Sou a Sra. Wattlesbrook. E como devo chamar você?</p> <p>— Jane Hayes está ótimo.</p> <p>A Sra. Wattlesbrook ergueu as sobrancelhas.</p> <p>— É mesmo? Tem certeza de que deseja manter seu nome de batismo? Muito bem, mas não devemos manter o nome completo, certo? Vamos chamá-la de Srta. Jane Erstwhile.</p> <p>Erstwhile?</p> <p>— Ah, tudo bem. (HALE, 2014, p. 32).</p>
	<i>O Diário Secreto de Lizzie Bennet</i>
3	<p>Domingo, 10 de junho</p> <p>Por que minha mãe não pode simplesmente deixar as coisas acontecerem no próprio ritmo? Por ela precisa nos pressionar e apressar e forçar uma visão distorcida do que é importante?</p> <p>Caso em questão: na semana passada, tudo que minha mãe fez foi me perguntar se eu tinha notícias “daquele lindo nadador que você conheceu com a sua irmã”. (SU; RORICK, 2014, p. 78).</p>

Fonte: A autora

Quadro 4

Extratos:	<i>Orgulho e Preconceito</i>
1	<p>O grupo não proporcionou muita conversa. Elizabeth estava pronta para falar sempre que houvesse uma abertura, mas estava sentada entre Charlotte e Miss de Bourgh - a primeira ocupada em escutar as palavras de Lady Catherine, e a última em não dizer nada durante o jantar. [...] Maria pensou que falar estava fora de questão e os cavalheiros nada mais faziam senão comer e admirar. [...] dirigia uma variedade de perguntas para Maria e Elizabeth, especialmente à última [...] Elizabeth sentia a impertinência das perguntas, mas as respondeu com muita compostura. (AUSTEN, 2016, p.191)</p>
	<i>Austenlândia</i>
2	<p>— Então o senhor consegue identificar o valor, o mérito, a nobreza de uma pessoa só com um olhar?</p> <p>— A senhorita não? [...]</p> <p>— O senhor está correto. No entanto, espero que, ao menos em um aspecto, minha primeira impressão acabe se provando não ser <i>completamente</i> precisa. Houve um silêncio tenso, e o coronel Andrews riu de novo. (HALE, 2014, p. 58)</p>
	<i>O Diário Secreto de Lizzie Bennet</i>
3	<p>Terça-feira, 9 de outubro</p> <p>Bem, suponho que eu posso admirar seu desejo de terminar os estudos. Mas a sua família não é meio pobre?</p>

3	<p>— Eu... hum...</p> <p>— Quantas irmãs você tem?</p> <p>— Só duas.</p> <p>— E todas ainda moram com a família?</p> <p>— Bom, a Lydia tem só vinte anos, e a Jane acabou de aceitar um emprego em Los Angeles e se mudou [...]</p> <p>[...] Eu sempre achei que a classe média é muito mimada. Espero que você não seja uma daquelas pessoas que têm inveja de quem tem dinheiro. Pois nós trabalhamos muito mais que vocês.</p> <p>— Claro que sim — eu disse. Acho que ela não percebeu o sarcasmo, porque a Sra. De Bourgh simplesmente continuou falando, alegre e alheia. (SU; RORICK, 2014, p. 192)</p>
---	--

Fonte: A autora